

FALA PROFERIDA NA AUDIÊNCIA PÚBLICA DA COMISSÃO DE DIREITOS HUMANOS

Data: 22 de outubro de 2018

Falar de EJA, é falar de paixão, é falar da nossa própria história como alfabetizadora de adultos, é falar de história de vida, de história vivida, contada, relatada, como dizia Larossa (1995). Não podemos nos esquecer da história, da nossa própria história.

Por isso, falar da EJA é fazer um mergulho na história do nosso país, na história da formação da nossa sociedade que sempre foi marcada pelas desigualdades sociais, pela opressão, pelo poder de uma minoria privilegiada, pelo silenciamento das classes populares.

Fazer a EJA acontecer não é um quefazer qualquer, não é qualquer docência. É um trabalho de militância, que requer coragem, ética, amorosidade (como nos ensinava o nosso querido mestre Paulo Freire), dentre outros que fazeres.

Por que o analfabetismo na era da sociedade do conhecimento, apesar de tanto avanço tecnológico, da inovação? Por que ainda convivemos com altas taxas de analfabetismo no Brasil onde 11,5 milhões de pessoas da população brasileira que tem 15 anos ou mais estão na situação de analfabeto (IBGE, 2017). Como justificar classes de EJA que estão sendo fechadas? A Sabemos que um dos grandes desafios que se coloca para o desenvolvimento social é justamente a questão do analfabetismo, vez que a Região Nordeste ainda convive com altas taxas da população na faixa etária de 15 anos em diante, na ordem de 14,5 % sendo na Bahia de 12,7% (Dados do IBGE/2017), fazendo-se necessário estabelecer parcerias entre governo e sociedade civil para o enfrentamento deste grande desafio (DANTAS, 2018). Os dados demonstram que ainda estamos longe do cumprimento da meta estabelecida pelo Plano Nacional de Educação para 2020.

Falar da EJA é falar de direitos humanos, de cidadania, de ética, de liberdade de opinião e de expressão livre de ideias, de justiça social. **Como já denunciava Bertolt Brecht: O pior analfabeto é o analfabeto político. Ele não ouve, não fala, nem participa dos acontecimentos políticos.**

Falar da EJA é saber que defendemos uma proposta de inclusão social e educacional que se constitui em uma luta contra a segregação, a discriminação social, sobretudo daqueles que não frequentaram a escola, que não tiveram acesso ao ensino regular. Sabemos que o domínio da língua materna é essencial para qualquer ser humano.

Em nosso país, os excluídos são todos os pobres, analfabetos, desempregados, sem uma profissão definida, com baixo nível de escolarização, os “sem terra”, sem teto, sem acesso aos bens culturais produzidos por todos. Sabe-se que esse processo de exclusão também envolve questões de gênero, de raça, de classe, de credo ou religião.

Por esta razão e com base na Declaração Universal de Direitos Humanos, podemos destacar que:

Toda pessoa tem direito à educação e seus fins e objetivos estão claramente definidos nos instrumentos internacionais de direitos humanos ratificados pelos Estados: o desenvolvimento pleno da personalidade humana e do sentido de sua dignidade, o fortalecimento do respeito dos direitos humanos e das liberdades fundamentais [...] (UNESCO, 2014, p.21)

É justamente essa missão da Universidade respeitar e assegurar os direitos humanos, notadamente o direito à educação, porque com esse direito garantido conquistaremos todos os outros.

Para tanto, faz-se necessário investir na formação de professores, na formação inicial e continuada dos docentes que atuam nessa modalidade educativa.

Arroyo (2006, p.16) reforça que “a formação do educador e da educadora de jovens e adultos sempre foi um pouco pelas bordas, nas próprias fronteiras onde estava acontecendo a EJA. Recentemente passou a ser reconhecida como uma habilitação ou como uma modalidade [...]” a partir da LDB de 1996.

Por esta razão, é preciso reconhecer as especificidades da modalidade EJA, que não basta ter boa vontade e bom senso, porque demanda conhecimento e competência para atuar, o que, consequentemente, requer uma maior atenção na formação dos profissionais que trabalham com este segmento educacional.

O Programa de Pós-Graduação em Educação de Jovens e Adultos-Modalidade Mestrado Profissional (MPEJA), do qual eu fui a principal responsável pela sua implantação, exercendo a coordenação durante 4 anos, vem se consolidando enquanto espaço de diálogos, de formação de professores interessados em uma educação voltada para o diálogo e a formação crítica e reflexiva. Nesse contexto, o MPEJA se insere como importante *lócus* de pesquisa no campo da educação, do trabalho e do meio ambiente; da formação de professores e das políticas públicas; da gestão e tecnologias voltados para a educação básica de jovens, adultos e idosos que sentem a necessidade de inserir-se no mundo do conhecimento formal. O Programa se apresenta enquanto espaço integrador das discussões que têm sido levadas a patamares internacionais, mantendo sempre a qualidade no desenvolvimento das suas atividades de ensino, pesquisa e extensão no campo da EJA.

Chegamos a uma quinta edição do ALFAEEJA tendo realizado quatro edições anteriores que consolidaram este encontro internacional, nos aportaram experiências, conhecimentos, saberes. Tivemos a coragem de sair do estado, sair do país, fomos para terras lusitanas mostrar o que é a EJA no Brasil, a EJA que se faz no cotidiano, em nosso estado, na Bahia.

Por essas razões, reafirmamos que o MPEJA é um espaço de resistência e de luta pelo direito à Educação e a EJA é um direito de todos.

E movidos pela esperança, contamos com uma equipe engajada, comprometida, envolvida e amorosa em tudo o que faz. Uma equipe de professores e professoras, estudantes, funcionárias, funcionários, voluntários, além de colaboradores que não medem esforços para que os resultados sejam sempre exitosos e produtivos. Sendo assim, agradecemos a todas as pessoas que dedicaram/dedicam seu tempo, seus esforços, seus conhecimentos, saberes e amorosamente fazem o MPEJA brilhar cada vez mais. Vocês são o coração que pulsa na UNEB.

Vida longa para a EJA!!!!

Obrigada a todos e todas.

TÂNIA REGINA DANTAS

Docente UNEB-MPEJA/PPGeduc

Salvador, 22 de outubro de 2018